

Multilinguismo no Mundo Digital: Uma abordagem metodológica aplicada à situação da língua Baniwa do Içana

Rodrigo do Prado Sateles¹

Francisco Cláudio Sampaio de Menezes²

Resumo: Fruto de um ano de pesquisa, este trabalho tem como objetivo analisar aspectos básicos da língua Baniwa do Içana, assim como a sua aplicação no meio social onde é falada juntamente com outras línguas do município de São Gabriel da Cachoeira/AM, onde é língua co-oficial desde 2002. Pretendeu-se ainda, através de uma metodologia baseada em bibliografia e trabalhos consultados, analisar a viabilidade da inclusão e aumento da vitalidade da língua Baniwa no ciberespaço, procurando contribuir de alguma forma para a proteção da mesma como patrimônio linguístico e cultural. Observou-se que apesar da situação precária na internet, o uso da língua Baniwa é bastante considerável com relação ao uso no município e, por fim, foram estabelecidos critérios para a sua inserção no ciberespaço.

Palavras-chave: Baniwa, ciberespaço, São Gabriel da Cachoeira

¹ Estudante do 5º semestre de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI) da Universidade de Brasília (UnB)

² Mestre em Engenharia de Sistemas e Computação. Professor Assistente do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (LET/IL/UnB).

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal fazer uma análise da situação da língua Baniwa, tendo como foco a sua presença no que chamamos mundo virtual, ou ciberespaço. Para isso, é de inteira importância que seja observada a expressão da cultura indígena através de recursos informáticos pesquisados.

A metodologia desta pesquisa foi elaborada com base no Inventário da língua Guaraní Mbya (Morello e Seiffert, 2011) e em *Comment assurer la présence d'une langue dans le cyberspace* (Diki-Kidiri, 2007) para a preservação de uma língua no ciberespaço. Aqui, no entanto, exploraremos o universo da língua Baniwa, mais especificamente a variedade do Içana, localizada no Alto Rio Negro, região do Amazonas. Faz-se de forma breve uma análise da sua situação social, assim como a possibilidade de preservação em longo prazo da língua através de recursos tecnológicos.

No primeiro momento, se fará uma apresentação geral da língua Baniwa e em seguida, será tratada a realidade do povo Baniwa, uma comunidade de aproximadamente 11 mil integrantes distribuídos em território nacional e nos territórios colombianos e, sobretudo, venezuelanos.

Por fim, com uma análise quantitativa da língua Baniwa através de recursos digitais, será viabilizada, ou não, a inserção do povo e da língua Baniwa no ciberespaço, como referenciado no Atlas das Línguas em Perigo (UNESCO, 2012).

METODOLOGIA

Iniciado a partir de um seminário da disciplina Multilinguismo no Ciberespaço, e com base em Morello e Seiffert (2011), assim como nas propostas de Diki-Kidiri (2007), na qual são examinadas metodologias para inclusão de línguas e seu uso em computador, foram estabelecidas algumas etapas para a realização deste trabalho que procura, de maneira básica, garantir que a língua Baniwa do Içana seja incluída no mundo digital e, assim, conte com um maior grau de preservação. Uma pesquisa extensiva sobre o funcionamento da língua foi realizada. Em particular, a pesquisa compreendeu um aprofundamento de algumas dimensões da língua Baniwa, a saber, seu alfabeto e sua gramática. No tocante à representação do alfabeto Baniwa em computador, e por se tratar de uma língua que já utiliza o sistema de escrita latina, o estudo permitiu avaliar as adaptações que se farão necessárias para escrever textos em Baniwa de forma apropriada em computador, ou qualquer outro canal tecnológico, usando a representação do português do Brasil nas tabelas do Consórcio UNICODE.

A bibliografia física foi bastante escassa, mas um relevante material via internet colaborou para dar base à presente pesquisa, já que durante todo o processo de investigação não foi possível estar presente junto à comunidade nativa do Baniwa.

IDENTIFICAÇÃO DA LÍNGUA

O Baniwa (cujos nomes alternativos podem ser Baniba, Baniua do Içana, Baniva, Dakenei, Issana, Kohoroxitari, Maniba) é uma língua pertencente à família linguística Aruák (ou maipure). É um dos idiomas oficiais do município de São Gabriel da Cachoeira/AM (SGC), de acordo com a *Lei nº 145/2002*, que co-oficializou o Baniwa-Curipaco juntamente com o Nheengatú e o Tukano na região do Rio Negro. Ainda assim, o português é oficial por ser a língua da Federação e, por esse motivo, mantém a sua supremacia política na região.

Muitos falam o Português e Espanhol, mas na maioria das vezes para fins comerciais. Eles entendem e falam também o Kuripako, Nyengatu e Kubeo, línguas de outras tribos da região. A questão de contato linguístico na região do Alto Içana é bem acentuado. Dessa forma, é comum o multilinguismo e o casamento de pessoas nativas de línguas diferentes, demonstrando assim prestígio para ambos os clãs. Sendo assim, é bem possível que haja interferências deste contato entre as glossas, sobretudo no aspecto lexical.

O estudo do Baniwa-Curipaco ainda é escasso, e o número de pesquisadores é limitado, tendo-se como estudiosos Gerard Taylor, Nimuendajú, Paul Scheibe, Ramirez e o Baniwa Edilson Martins Melqueiro - da Universidade de Brasília, como referências no que tange aos conhecimentos pertinentes à língua.

Algumas palavras coletadas na língua, para título de apresentação e exemplificação são:

Quadro 1: Palavras em Baniwa, com respectiva tradução

| Em Baniwa | Tradução |
|-----------|----------|
| dopítsi | peneira |
| atxinari | homem |
| inarru | mulher |
| u-uni | rio |
| matxucá | galinha |
| nê-uí-dâ | cabeça |
| tepirá | ave |

Fonte: SOUSA, Boanerges Lopes. *Do rio Negro ao Orenoco*

(a terra - o homem). Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/

Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1959. p. 238-9.

DEMOGRAFIA E TERRITÓRIO

O Brasil é um país que sem dúvida abrange manifestações culturais que além de sotaques, comidas, danças ou comportamentos regionais.

Como é de conhecimento geral, há centenas de tribos indígenas que hoje ainda permanecem fortes, apesar dos avanços civilizatórios, porém há aquelas que sofrem perigo de extinção.

O País hoje tem mais de 800 mil índios, segundo dados do Censo 2010, e corresponde a cerca de 4% da população brasileira.

De acordo com a FUNAI, eles estão distribuídos entre 683 terras indígenas e algumas áreas urbanas. Há também 77 referências de grupos indígenas não-contatados, das quais 30 foram confirmadas. Existem ainda grupos que estão

requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista.

No Brasil são faladas aproximadamente 200 línguas fora o português, que é o idioma oficial. E, pelo que muitos podem pensar, esse número não compreende somente línguas indígenas, que são aproximadamente 180. O país também recebeu imigrantes europeus e japoneses nos últimos séculos, e isso contribuiu para o multilinguismo no território nacional.

O povo Baniwa, assim como sua língua, conta com aproximadamente 4.700 indígenas às margens do Rio Içana e seus afluentes Cuiari, Aiair e Cubate, assim como nos centros urbanos do município de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos, no extremo noroeste do estado do Amazonas. Também com presença no território venezuelano e colombiano, somando cerca de 11.000 indivíduos em 200 comunidades (Ramirez, 2001).

Do contato com os exploradores europeus durante o século XIX, a população do Alto Rio Negro passou a ter uma dependência progressiva dos bens próprios do “homem branco”. Hoje os Baniwa sobrevivem, sobretudo, da pesca, da agricultura e confecção das famosas cestas de arumã, que é uma tradição milenar, servindo hoje como uma atividade comercial, ligando a tradição antiga às necessidades modernas da atualidade.

Hoje, os índios Baniwa e Kuripako contam com o incentivo da Escola Pamáali, financiada pelo poder público desde 2000, para a preparação dos indígenas para a nova realidade educacional.

Desta forma, a informática é um recurso presente na vida da população, sobretudo dos jovens.

A LÍNGUA BANIWA E O SEU FUNCIONAMENTO

Ao tratar do aspecto social da língua Baniwa, é imprescindível deixar de dar ênfase à importância da questão educacional e multilíngue presente na região do Alto Rio Negro. O município de SGC sempre foi uma área onde predominou o contato entre etnias distintas, e isso se intensificou com a chegada da cultura ocidental, trazendo um novo modo de vida, e colaborando tanto de forma positiva como negativa para o povo da região, assim como os próprios nativos relatam.

A educação nas áreas onde está o povo Baniwa vem passando por alguns problemas. Isso ocorre devido à forte dominação por diversos atores sociais: professores Baniwa e Tukano, católicos e protestantes missionários, funcionários de órgãos públicos, militares e outros diversos membros de diferentes clãs, inclusive Baniwa.

Nas escolas, atualmente, se questiona a importância das línguas nativas como canal para a transmissão de conhecimento, não apenas na realidade do município, mas também a nível nacional e internacional. A Escola Pamáali, como já citada, é um incentivo à preservação da cultura Baniwa. No entanto, nem sempre a língua local foi vista como um elemento de “civilização”.

Os católicos fundaram o Centro Missionário Salesiano em 1919, e desde então vêm impondo a língua portuguesa como um instrumento de ascendência para os indígenas, criando, assim, os *centros de civilização*. Esse fato, porém, teve

contrapartida vinda dos protestantes das Novas Tribos do Brasil, movimento comandado por Sofia Müller, na década de 1970. Estes, por sua vez, acreditavam que as línguas indígenas não seriam um problema, já que a intenção maior era de evangelizar, e dar a conhecer à Palavra de Deus a fim de suscitar a busca pela *salvação das almas*. Dessa forma, acreditava-se que a prática pedagógica contava inclusive com a alfabetização em língua Baniwa. Nessa época, a primeira grafia do Baniwa foi proposta em território brasileiro.

É fortemente provável que o povo Baniwa é ainda hoje, na quase totalidade, falante de sua língua nativa, variando, certamente, a frequência de uso entre os falantes. Prova disso é a aprovação da língua como co-oficial de SGC, e a avaliação da UNESCO, em seu “Atlas das Línguas em Perigo” (Moseley, 2010), que a posicionou como vulnerável.

ANÁLISE DOS SÍMBOLOS DA LÍNGUA BANIWA E SUA REPRESENTAÇÃO DIGITAL (UNICODE, ORTOGRAFIA, ESPECIFICIDADES)

Há certa inquietação por parte de alguns linguistas no que diz respeito às línguas que sofrem perigo de extinção. Muitas delas não contam com uma grafia oficial. Isso preocupa bastante, pelo fato de hoje vivermos em um mundo com acelerado ritmo de informação, a qual é em sua maior parte escrita, o que garante, de certa forma, o registro de qualquer língua, juntamente com as suas características no tempo.

No caso do Baniwa, a expressão escrita vem sendo atualmente bastante discutida, tanto por parte

dos especialistas, quanto dos religiosos, professores do município, governo local e pelo próprio povo. À língua, já foi atribuída no mínimo, três formas de escrita durante sua história. Todavia, a busca pela grafia unificada é sempre um anseio para os que se preocupam com a preservação deste traço cultural e, no caso, a inserção da língua na internet.

Com a parceria da Universidade Federal do Amazonas, no final da década de 1990, foi possível estabelecer uma nova proposta para a elaboração de uma grafia padronizada. Dessa forma, a escrita do Baniwa do Içana, como é ensinada nas escolas, pode ser essencialmente realizada através de um teclado com caracteres tanto do português quanto do espanhol, estabelecidos pela UNICODE. Faz-se uso dos diacríticos (´) e (-); como em *itakó* (nariz) e *iñau-opo* (igarapé). Segundo Ramírez (2001), o sistema vocálico contém apenas quatro vogais: *a, e, i, o*; Já o conjunto consonantal é composto por *p, t, k, b, d, ts, dz, m, n, w, h*.

Não obstante, em materiais que tratam do Baniwa de maneira mais formal, como é o caso dos próprios autores pesquisados, faz-se preferência ao estilo tradicional de grafá-la com os padrões do Alfabeto Fonético Internacional (API, em sua sigla em inglês).

A CULTURA BANIWA-KUPIPAKO E O CIBERESPAÇO

Ainda que seja escasso o acesso a documentos escritos em língua Baniwa, pode-se considerar que o povo está de alguma forma já presente na internet. Notaram-se, em sua maioria, sites que

façam apresentações gerais dos nativos e sua tradição.

Muitos dos endereços visitados são manuseados pelos próprios falantes, para fins diversos, tais como: promoção comercial de cestaria de arumã, material de evangelização, blogs, etc.

VITALIDADE E INFORMAÇÃO EM BANIWA NO CIBERESPAÇO

Durante o trabalho de pesquisa não foi encontrada nenhuma página escrita na língua propriamente, o que preocupa certamente e pode dificultar a efetiva entrada da mesma no espaço digital. Porém, parte de uma Bíblia narrada foi encontrada em arquivo mp3 no sítio <http://globalrecordings.net/pt/program/C06460>.

Como já podemos notar, existem muitos fatores que propiciam a entrada no Baniwa no

Quadro 2: Viabilidade do Baniwa segundo critérios de estabilidade da língua.

1. Número de falantes considerável (mais de 4 mil);
2. Mais de 60% da população é falante;
Língua co-oficial no município de São Gabriel da Cachoeira- AM;

Possui escrita e os caracteres estão de acordo com o padrão UNICODE;

A comunidade nativa tem interesse na preservação da cultura através da língua.

ciberespaço. Contudo, sérios problemas também estão presentes, e estes se referem bem mais aos próprios falantes da língua, que com o passar do tempo estão fazendo maior uso do português na internet.

Com o seguinte quadro, analisa-se a viabilidade do Baniwa do Içana, observando alguns critérios que permitam garantir uma mínima estabilidade da língua no ciberespaço:

Para dizer com mais precisão se o Baniwa será incluído ou não no ciberespaço seria necessário conhecer mais de perto a realidade e o desejo dos falantes quanto a essa problemática. Há probabilidade, portanto, de que haja a inclusão da língua, se houver maior disponibilidade daqueles que a usam no dia-a-dia dentro das comunidades nativas. A garantia de uso não deve importar unicamente aos interessados de fato na preservação, mas incentivar a mobilização, sobretudo no âmbito escolar, para que os jovens cultivem a tradição de maneira natural.

A escassa elaboração de recursos informáticos deixa claro que, por um lado, a comunidade falante não está muito preocupada com a documentação virtual na língua. Por outro lado, uma boa parte da população está empenhada em manter uso das línguas autóctones, já que essas formam parte da construção da personalidade de qualquer indivíduo.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A tarefa de analisar a presença de línguas indígenas no ciberespaço resultou algo complicado, sobretudo no caso da língua Baniwa, que não possui páginas web disponíveis, apesar de sua ratificada importância.

Foi muito agradável provar desta experiência de descobrir as riquezas lingüísticas das quais dispõem o nosso país. É importante, portanto, que

sejamos todos conscientes de tal fato, e mesmo para os indígenas, que nem sempre estão dispostos a compartilhar a sua cultura, quer seja por questões políticas ou sociais.

É de fundamental importância a presença do povo Baniwa na construção de recursos lingüísticos e informáticos, a fim de concretizar a real inserção da língua e disponibilizá-la, de fato, para os próprios falantes.

Como há presença de atores sociais diversos dentro do contexto da região abordada, percebe-se que o português é uma língua que está sempre

presente nas relações interpessoais. Depois da chegada da escola com os religiosos, o estudo do português se mostrou mais presente em relação à língua indígena, e isso é perceptível em várias partes do território nacional.

De qualquer forma, ainda há chance da efetiva inclusão do Baniwa do Içana no ciberespaço, e há esperanças de que isso se concretize. No entanto, essa é uma tarefa na qual devem estar realmente envolvidas diversas entidades, tais como lingüistas, antropólogos e, sem dúvida, os próprios indígenas.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Madalena Otaviano, Mendonça, Maria Silvia. Terminologia Baniwa relacionada às palmeiras. *Acta bot. bras.* 25(2): 413-421. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/abb/v25n2/a17v25n2.pdf> Acessado em: <12/06/2012>
- A história da língua Baniwa, uma das co-oficializadas. Disponível em: <http://alainet.org/active/14681&lang=es> Acessado em: <25/07/2012>
- Com celulares, indígenas produzem mais de 200 filmes - Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u626164.shtml> Acessado em: <14/03/2012>
- DIKI-KIDIRI, Marcel. Comment assurer la presence d'une langue dans le cyberspace? UNESCO, 2007.
- Escola Pamaali. Disponível em: <http://pamaali.wordpress.com/>. Acessado em: <20/08/2012>
- Ethnologue. Disponível em: http://www.ethnologue.com/show_language.asp?code=bwi Acessado em: <23/08/2012>
- FUNAI. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/> Acessado em: <12/02/2012>
- Introdução à língua baniwa. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/baniwa>. Acessado em: <12/04/2012>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- Lei municipal oficializa línguas indígenas. Disponível em: <http://www.ipol.org.br/imprimir.php?cod=83> Acessado em: <05/04/2012>
- Línguas faladas no Brasil. Disponível em: <http://globalrecordings.net/es/country/BR> Acessado em: <11/04/2012>
- MELGUEIRO, Edílson Martins. Sobre a natureza, expressão formal e escopo da classificação linguística das entidades na concepção do mundo dos Baniwa. Brasília, 2009.
- MORELLO, Rosângela, Seiffert, Ana Paula. Inventário da Língua Guarani Mbya Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Florianópolis: Garapuvu, 2011.
- MOSELEY, Christopher. Atlas des Langues en danger dans le monde. UNESCO, 2010
- O multilingüismo e o funcionamento das línguas Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=212>. Acessado em: <12/07/2012>
- RAMÍREZ, Henri. Uma gramática do Baniwa do Içana. 2001
- Reconhecimento da língua baniwa no município de São Gabriel da Cachoeira. Disponível em: <http://www.idbrasil.org.br/drupal/?q=node/14310>. Acessado em: <11/03/2012>
- SOUSA, Boanerges Lopes. Do rio Negro ao Orenoco (a terra - o homem). Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1959. p. 238-9.
- Tribo baniwa/ Kuripako. Disponível em: http://www.mntb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=95&Itemid=204. Acessado em: <16/03/2012>
- Weigel, Valéria Augusta Cerqueira de Medeiros. Os Baniwas e a escola: sentidos e repercussões. Revista Brasileira de Educação. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000100002 Acessado em: <11/06/2012>